São Francisco de Sales catequista das crianças

written by P. Wirth MORAND | Setembro 23, 2024

Formado na doutrina cristã desde a infância, em seu ambiente familiar, depois nas escolas e, finalmente, em contato com os jesuítas, Francisco de Sales assimilou perfeitamente o conteúdo e o método da catequese da época.

Uma experiência de catequese em Thonon

O missionário do Chablais se perguntava: Como catequizar os jovens de Thonon que haviam crescido imersos no calvinismo? Os meios autoritários não eram necessariamente os mais eficazes. Não seria melhor atrair os jovens e interessá-los? Esse era o método geralmente seguido pelo Decano de Sales durante seu tempo como missionário em Chablais.

Ele também havia tentado uma experiência que merece ser lembrada. Em 16 de julho de 1596, aproveitando a visita de seus dois irmãos mais novos, João Francisco, de dezoito anos, e Bernardo, de treze, ele organizou uma espécie de recitação pública do catecismo para atrair os jovens de Thonon. Ele mesmo compôs um texto na forma de perguntas e respostas sobre as verdades fundamentais da fé e convidou seu irmão Bernardo a responder.

O método do catequista é interessante. Ao ler esse pequeno catecismo dialogado, é preciso lembrar que não se trata simplesmente de um texto escrito, mas de um diálogo destinado a ser apresentado a um público de jovens na forma de um "pequeno teatro". Na verdade, a "apresentação" ocorreu em um "palco", ou pódio, como era o costume entre os jesuítas no colégio de Clermont. De fato, há instruções de palco no início:

Francisco, falando por primeiro, dirá: Meu irmão, você é cristão?
Bernardo, posicionado frente a frente em relação a Francisco, responderá: Sim, meu irmão, pela graça de Deus.

Muito provavelmente o autor previu o uso de gestos para tornar a recitação mais animada. Para a pergunta: "Quantas coisas você deve saber para ser salvo?", a resposta é: "Tantas quantos os dedos da mão!", uma expressão que Bernardo teve de pronunciar com gestos, ou seja, apontando para os cinco dedos da mão: o polegar para a fé, o indicador para a esperança, o dedo médio para a

caridade, o anelar para os sacramentos, o dedo mínimo para as boas obras. Da mesma forma, ao tratar das diferentes unções do batismo, Bernardo tinha de colocar a mão primeiro no peito, para indicar que a primeira unção consiste em "ser abraçado pelo amor de Deus"; depois, nos ombros, porque a segunda unção tem o objetivo de "tornar-nos fortes para carregar o peso dos mandamentos e preceitos divinos"; finalmente, na testa, para revelar que o objetivo da última unção é "fazer-nos confessar nossa fé em Nosso Senhor publicamente, sem medo e sem vergonha".

É dada grande importância ao "sinal da cruz", normalmente acompanhado da fórmula *Em nome do Pai*, com a qual ele iniciava o catecismo, sinal que, com o gesto da mão, segue, nas partes do corpo, um caminho invertido em relação à unção batismal: a testa, o peito e os dois ombros. Bernardo devia dizer: O sinal da cruz é "o verdadeiro sinal do cristão", acrescentando que "o cristão deve fazê-lo em todas as suas orações e em suas principais ações".

Também vale a pena observar que o uso sistemático de números servia como um meio mnemônico. Dessa forma, a pessoa catequizada aprende que há três promessas batismais (renunciar ao demônio, professar a fé e guardar os mandamentos), doze artigos do Creio, dez mandamentos de Deus, três tipos de cristãos (hereges, maus cristãos e verdadeiros cristãos), quatro partes do corpo a serem ungidas (o peito, os dois ombros e a testa), três unções, cinco coisas necessárias para ser salvo (fé, esperança, caridade, sacramentos e boas obras), sete sacramentos e três boas obras (oração, jejum e esmola).

Se examinarmos cuidadosamente o conteúdo desse catecismo dialógico, é fácil detectar sua insistência em vários pontos contestados pelos protestantes. O tom forte de certas afirmações lembra a proximidade de Thonon com Genebra e o ardor polêmico da época.

Desde o início, aparece uma invocação à "abençoada Virgem Maria". Sobre a questão da observância dos Dez Mandamentos, é especificado que os preceitos de "nossa santa Mãe Igreja" devem ser acrescentados. Nos três tipos de cristãos, os hereges são aqueles que "não têm nada além do nome", "estando fora da Igreja Católica, Apostólica e Romana". Os sacramentos são em número de sete. Os ritos e as cerimônias da Igreja não são apenas ações simbólicas, eles produzem uma mudança real na alma do crente devido à eficácia da graça. Observa-se também a insistência em "boas obras" para ser salvo e a prática do "santo sinal da cruz".

Apesar da "encenação" bastante excepcional com a participação do irmão mais novo, esse tipo de catequese tinha de ser repetido com frequência e de

forma bastante semelhante. Sabe-se, de fato, que o Apóstolo do Chablais "ensinava o catecismo, sempre que possível, em público ou em casas particulares".

O bispo catequista

Tendo se tornado bispo de Genebra, mas residente em Annecy, Francisco de Sales ensinava pessoalmente o catecismo às crianças. Ele teve que dar o exemplo aos cônegos e párocos que hesitavam em se rebaixar a esse tipo de ministério: é bem sabido, ele diria um dia, que "muitos querem pregar, mas poucos fazem o catecismo". De acordo com uma testemunha, o bispo "se deu ao trabalho de ensinar o catecismo pessoalmente por dois anos na cidade, sem a ajuda de outras pessoas".

Uma testemunha o descreve sentado "em um pequeno teatro criado para esse fim e, enquanto estava lá, ele interrogava, ouvia e ensinava não apenas seu pequeno público, mas também todos aqueles que vinham de todos os lados, recebendo-os com incrível facilidade e afabilidade". Sua atenção estava voltada para as relações pessoais a serem estabelecidas com as crianças: antes de interrogá-las, "ele as chamava pelo nome, como se tivesse a lista deles na mão".

Para se fazer entender, ele usava uma linguagem simples, às vezes fazendo as mais inesperadas comparações da vida cotidiana, como a do cachorrinho: "Quando viemos ao mundo, como nascemos? Nascemos como cachorrinhos que, lambidos pela mãe, abrem os olhos. Assim, quando nascemos, nossa santa mãe Igreja abre nossos olhos com o batismo e a doutrina cristã que ela nos ensina".

Com a ajuda de alguns colaboradores, o bispo preparou "bilhetes" nos quais estavam escritos os pontos principais que deveriam ser memorizados durante a semana para que pudessem ser recitados aos domingos. Mas como isso poderia ser feito se as crianças ainda não sabiam ler e suas famílias também eram analfabetas? Era necessário contar com a ajuda de pessoas benevolentes: párocos, vigários paroquiais, professores, que estivessem disponíveis durante a semana para fazer as repetições.

Como um bom educador, ele repetia com muita frequência as mesmas perguntas com as mesmas explicações. Quando a criança cometia um erro na recitação de suas anotações ou na pronúncia de palavras difíceis, "ele sorria tão gentilmente e, corrigindo o erro, colocava o questionador de volta no caminho certo de uma maneira tão adorável que parecia que, se ele não tivesse cometido um erro, não poderia tê-lo pronunciado tão bem; o que dobrava a coragem dos

pequenos e aumentava singularmente a satisfação dos mais crescidos".

A pedagogia tradicional de emulação e recompensa teve seu lugar nas intervenções desse ex-aluno jesuíta. Uma testemunha relata o seguinte: "Os pequenos corriam, exultantes de alegria, competindo entre si; ficavam orgulhosos quando podiam receber das mãos do beato algum pequeno presente, como quadros, medalhas, coroas e *agnus Dei*, que ele lhes dava quando respondiam bem, e também carícias especiais que ele lhes dava para encorajá-los a aprender bem o catecismo e a responder corretamente".

Ora, essa catequese para crianças atraía adultos, e não apenas pais, mas também grandes personalidades, "médicos, presidentes de câmaras, conselheiros e mestres de cerimônias, religiosos e superiores de mosteiros". Todos os estratos sociais estavam representados, "nobres, clérigos e pessoas do povo", e a multidão era tão grande que "não dava para se mover". As pessoas vinham em massa da cidade e dos arredores.

Portanto, criou-se um movimento, um tipo de fenômeno contagioso. De acordo com alguns, "não era mais o catecismo das crianças, mas a educação pública de todo o povo". A comparação com o movimento criado em Roma meio século antes pelas assembleias animadas e alegres de São Felipe Neri vem espontaneamente à mente. Nas palavras do Padre Lajeunie, "o Oratório de São Filipe parecia ter renascido em Annecy".

O bispo não se contentava com fórmulas aprendidas de cor, embora estivesse longe de depreciar o papel da memória. Ele insistia para que as crianças soubessem em que deveriam acreditar e compreendessem o ensinamento.

Acima de tudo, ele queria que a teoria aprendida durante o catecismo se tornasse prática na vida cotidiana. Como escreveu um de seus biógrafos, "ele ensinou não apenas o que se deve acreditar, mas também persuadiu a pessoa a viver de acordo com o que acredita". Ele incentivava seus ouvintes de todas as idades "a se aproximarem dos sacramentos da confissão e da comunhão com frequência", "ensinava-lhes pessoalmente a maneira de se prepararem adequadamente" e "explicava os mandamentos do Decálogo e da Igreja, os pecados capitais, usando exemplos apropriados, analogias e exortações tão amorosamente envolventes, que todos se sentiam docemente compelidos a cumprir seu dever e abraçar a virtude que lhes era ensinada".

De qualquer forma, o bispo catequista estava encantado com o que estava fazendo. Quando ele se encontrava entre as crianças, diz uma testemunha, ele parecia "estar entre suas delícias". Ao sair de uma dessas escolas de catequese, na época do carnaval, ele pegou sua caneta para descrevê-la a Joana de Chantal:

Acabei de terminar a escola de catecismo, onde me entreguei um pouco à alegria, ridicularizando as máscaras e as danças para fazer o público rir; eu estava de bom humor, e um grande público me convidou com seus aplausos para continuar sendo uma criança com as crianças. Eles me dizem que eu consigo fazer isso, e eu acredito!

Ele gostava de contar as belas expressões das crianças, às vezes surpreendentes em sua profundidade. Na carta que acabamos de citar, ele relatou à Baronesa a resposta que acabara de receber à pergunta: Jesus Cristo é nosso? Não se deve duvidar nem um pouco: Jesus Cristo é nosso", respondeu-lhe uma menina, que acrescentou: "Sim, ele é mais meu do que eu sou dele e mais do que eu mesma sou minha".

São Francisco de Sales e seu "pequeno mundo"

O ambiente familiar, cordial e alegre que reinava na catequese foi um importante fator de sucesso, favorecido pela harmonia natural que existia entre a alma límpida e amorosa de Francisco e as crianças, a quem ele chamava de seu "pequeno mundo", porque tinha conseguido "conquistar seus corações".

Quando ele caminhava pelas ruas, as crianças corriam à sua frente; às vezes ele era visto tão cercado por elas que não conseguia ir adiante. Longe de ficar irritado, ele as acariciava e se divertia com elas, perguntando: "De quem você é filho? Qual é o seu nome?".

De acordo com seu biógrafo, um dia ele diria "que gostaria de ter o prazer de ver e considerar como o espírito de uma criança gradualmente se abre e se expande".